

P R E S E N T E !

S R R . D R . C A S A I S M O N T E I R O

CONSIDERANDO-ME incluído no grupo daqueles discípulos do Dr. Abel Salazar, «que por dá cá aquela palha atiram à cabeça (dos demais) com meia dúzia de termos técnicos—sôma, esquizóides, pícnicos, ciclotímicos, etc., etc.»—respondo à sua chamada, insiro no «simple» comentário a um artigo do sr. dr. Abel Salazar «e publicado no n.º 4 do *Sol Nascente* com algumas considerações tendentes a demonstrar que não é por simples «incontinência verbal» nem por amor à trapalhice, que tenho vindo a público com assuntos que me parecem disso merecedores, dada a sua importância, mas para fugir ao crime de guardar para mim, idéas que devem ser de todos e que o não seriam por falta de condições de vida que permitissem a grande massa o dispêndio do tempo necessário para com ellas se relacionar.

E' esta, a meu vêr, a grande missão daquêles que, mercê de especiais favores da vida, se podem pôr em contacto com os problemas que a Humanidade vai apresentando.

Diz o sr. dr. Casais Monteiro que é preciso espalhar espirito científico ao mesmo tempo que se espalhe ciência. A complexidade que envolve o simples termo «espirito científico» não nos permite uma ampla justificação que exigiria este ponto.

De acôrdo consigo, no entanto, já não é a primeira vez que tenho feito vêr que não deve tomar-se a psico-somática ou a caracterologia, como uma fórmula rígida em que cada indivíduo se teria de encontrar inteiramente incluído.

Por exemplo, disse já algures que, quando Kretschmer considera os indivíduos somaticamente divisíveis em pícnicos e leptosómicos com a sua variedade sub-mórbida—asténicos—, não quere com isto dizer que um determinado indivíduo tenha forçosamente de se encontrar com as medidas médias que caracterizam cada um destes grupos. Elles significam tendências, médias e não são, de modo algum, exclusivistas. Permitem-nos, sim, a criação de padrões, em função dos quais podemos estudar somaticamente um indivíduo.

Frisei já também que não devemos deixar-nos ludibriar por teorias unilaterais pseudo-científicas como aquêlas que nos levam a avaliar do psiquismo dum indivíduo, em função do maior ou menor gráu de gasto das solas das suas botas. O problema é complexo e só com grande soma de elementos podemos caminhar na verdade científica.

Queira ou não acreditar no grande valor científico de quem nos orienta—a nós, jovens de que fala—, terá de concordar que são um tanto impensadais as acusações que nos faz de que escrevemos por escrever, ajudando com isso a enraizar as falsas idéas daquêles que crêem que a juventude actual faliu e que tudo se resume a um bando de asninhos que limitam as suas preocupações às côres das gravatas a usar ou ao preenchimento do seu carnetinho com as datas de baillaricos mais ou menos pelintras.

Não nos impomos como «valores» por humilhante e iníqua nos parecer essa qualificação, mais arrogamo-nos o direito de ser ouvidos como seres activos, vivendo o momento, igual ao dos consagrados e ao dos mais idosos.

A nossa divisa é viver e actuar.

Vejo no bocadinho que me toca do seu *Comentário*, mais um conselho do que um ralho: contra este último, insurgir-me-ia por o considerar injusto; pelo primeiro, estou-lhe agrade-

cido. E' em função dêle que seguirá este esclarecimento.

A caracterologia não é, nem pretende ser «uma panacea universal para todo o serviço». Ela não pretende curar coisa alguma mas sim explicar e conseguir uma base sólida em que assente o estudo do Homem. E não pretende curar, porque esta acção é estranha ao seu fim, embora os seus meios se encontrem, por vezes, entre doentes, quer somáticos, quer psíquicos.

Se V. Ex.ª quizer considerar as suas consequências terapêuticas como pertencendo-lhe propriamente, cairemos numa discussão de critérios que me não parece muito justa, dado o desinteresse da questão para mim e para o público em geral. Levar-nos-ia para um campo especializado onde talvez nos não sentíssemos à vontade, dadas as nossas habilitações—suas e minhas—para tratar de assuntos psicoterápicos.

Supondo desde já que não é este o caminho seguido cingir-me-ei à caracterologia em geral—as suas consequências filosóficas, históricas e políticas tendo já sido mostradas várias vezes noutros locais e mesmo neste.

Caracterologia em geral: A caracterologia estuda a face psicológica, o caracter, a forma mental, dos indivíduos humanos (Berardinelli). (E' necessária esta limitação de aceção, para não acontecer cairmos em confusões, desde que diversas aceções têm sido dadas a este termo).

Esta face psicológica pode ser estudada seguindo dois caminhos isoladamente ou considerando-a função doutros factores não psíquicos.

As duas orientações têm sido seguidas e inúmeros são os trabalhos aparecidos relatando as conclusões que permitiram.

Uma primeira dificuldade se apresenta aqui, ao iniciado nestes estudos—qual o caminho a seguir? Enveredar por aquêle estritamente psicológico, em que o indivíduo é apreciado em função de si próprio e em que o êrro pessoal, hoje tão bem pôsto em evidência noutros ramos da ciência, é máximo, embora se tente já recorrer a *tests* como auxiliares de trabalho, *tests* que demandariam, por si sós, aturados estudos para a sua composição que deveria variar de raça para raça e de meio para meio? Seria árdua a tarefa e sérios os riscos de falsear os resultados positivos.

Resta-nos o segundo caminho—estudar o psiquismo em função de factores extra-psíquicos. Dêstes, o mais acessível é o sôma-corpo, forma exterior.

Seguindo esta orientação, vamos encontrar investigadores do quilate de Pende, de Naccarati, de Vidoni e do, já entre nós tão falado, Kretschmer mas, já antes dêstes, como diz Berardinelli, outros espíritos se tinham preocupado com o paralelismo psico-físico: Cervantes, Lavater, Goethe, Zimmermann, Sulzer, Montaigne, Wolf, Salomão, Ecclesiastes, Cicero, Bacon, Leibnitz, Ernesti, Gellert, Rerder etc.

Que mais será preciso para fazer crêr que o problema tem razão de existir e que não serão perdidos os passos dados para o resolver? Que mal poderá existir em considerar que o indivíduo humano pensa também com o corpo e não exclusivamente com o cérebro? Em que ficará diminuído, positivamente, um génio, ao dizer-se que êle o foi mercê de condições somáticas e psíquicas a isso favoráveis?

Tôda a reacção provocada pela divulgação dêstes conceitos, nasceu, a meu vêr, duma total

(Continúa na página imediata)